

FH: os riscos do iluminismo

11 DEZ 1994

GLOBO

LEANDRO KONDER

Não há dúvida: o recém-eleito presidente da República é um intelectual altamente qualificado. E está cercado de outros intelectuais de inegável competência. Essa constatação é, certamente, animadora. Talvez nunca tenhamos tido, na nossa História, pessoas tão cultas no comando do Estado.

No entanto, a qualificação intelectual da equipe liderada por Fernando Henrique Cardoso, por mais positiva que seja, não nos assegura que seu governo será capaz de promover o aprofundamento de uma efetiva democratização da nossa sociedade.

Os intelectuais — pessoas que trabalham com o conhecimento e se sentem mais radicalmente comprometidas com as “luzes” e os rigores da ciência — são, muitas vezes, induzidos a alimentar uma confiança excessiva naquilo que acham que conhecem.

Na Europa do século XVIII, um grupo de intelectuais altamente qualificados (e inequivocamente progressistas) já cometeu esse equívoco: os iluministas se dispuseram a afugentar os fantasmas da Ignorância, do Preconceito e da Superstição, brandindo as armas do Saber.

Nos dois séculos seguintes, contudo, a História mostrou que as forças que se opunham às mudanças necessárias não eram fantasmagóricas. Por trás dos espectros combatidos pelos generosos iluministas se acham forças materiais, setores concretos da sociedade, grupos privilegiados poderosos, dispostos a defender seus interesses particulares.

Por mais importantes que sejam os esforços destinados a persuadir os interlocutores, devemos reconhecer, sobriamente, que a persuasão, por si mesma, não basta. As transformações significativas não se realizam automaticamente, nem resultam de uma perseverante epopéia pedagógica. Os poderes do “esclarecimento” são limitados.

Fernando Henrique e seus amigos

sabem que a sociedade brasileira apresenta, atualmente, características extremamente perversas, que precisam ser — com urgência! — modificadas. Tudo indica que são pessoas bem formadas e bem informadas, com disposição para mudar o que tem que ser mudado.

Talvez, porém, o novo presidente e seus assessores não tenham uma consciência suficientemente clara dos focos de resistência à mudança. Talvez não consigam extrair as conseqüências de uma dinâmica que impulsiona a ampla mobilização da maioria da população e a leva a entrar em choque com os interesses de algumas áreas minoritárias muito influentes na nossa sociedade.

No Brasil, é muito raro os conservadores se apresentarem como conservadores. Em algumas de suas expressões mais vigorosas, o conservadorismo faz, com veemência, o discurso da modernidade: sem abrir mão da defesa prática de seus privilégios, ele proclama, **retoricamente**, qualquer coisa que convenha à sua imagem, nas circunstâncias de cada

momento.

É possível que os intelectuais que passarão a nos governar subestimem o poder de fogo das forças conservadoras, que em grande parte já estão articuladas para ocupar espaço no aparelho de Estado e cobrar o apoio que deram a Fernando Henrique na campanha. É possível que — herdeiros do espírito iluminista — confiemos demais em sua capacidade de “fazer prevalecer a razão”, convencendo os recalcitrantes a fazer concessões e aceitar reformas profundas.

Com isso, entretanto, correm o risco de ceder à tentação de uma contemporização excessiva, que pode lhes acarretar um grave desgaste de ambos os lados: podem ficar desacreditados nas camadas populares e podem sofrer campanhas hostis por parte dos setores conservadores privilegiados. Uns os repudiarão por não terem realizado as grandes transformações que desejam; outros os repelirão por terem tentado realizá-las.

Leandro Konder é filósofo.